

# MEDICINA E MEDICOS NA LITERATURA DE HOJE (\*)

PROF. A. DE ALMEIDA PRADO

Cathedratico na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

A exploração de temas medico-sociaes ou de enredos desenvolvidos em ambientes estritamente profissionaes está em voga universal no presente momento literario.

Sem se saber bem por que, de uns annos para cá, os livros do genero se succedem, com exito até hoje não desmentido. Em quasi todas as linguas — em sueco, em inglez, em francez, em italiano, em espanhol, em portuguez — os volumes vão surgindo, como se obedecessem a uma solitação imperiosa do meio ou a leis sociologicas ineluctaveis.

Os medicos sempre foram, em toda parte, dados á letras. Assim, foi medico Clemenceau, como o são Duhamel, Jules Romains, o famoso creador de Knock, expressão caricatural maxima do charlatismo medico victorioso, e Leon Daudet, na França de hoje; e no passado Laennec, o fundador do methodo auscultatorio, cultivou as musas, tendo mesmo escripto um poema, na mocidade; Claude Bernard, o celebre physiologista, teve o seu lugar garantido na Academia Francesa, não só como representante das sciencias medicas, mas como escriptor de raça. A sua "*Introdução ao estudo da medicina experimental*" é considerada, pela pureza da lingua e beleza do estylo, uma das joias da literatura franceza. Richet, o mais notavel dos physiologistas modernos, escreveu, sobre Pasteur, em disputa com os melhores poetas do tempo, um poema que foi premiado pela Academia Francesa.

Escreveram obras literarias, ou literariamente, Trousseau e Dieulafoy; em epoca mais recente, Jean Louis Faure, o autor de "*L'ame du chirurgien*", trazia organicamente, pela sua eloquencia e gosto no escrever, uma predestinação ás letras.

Na Italia, Stechetti foi um transfuga da profissão; na Inglaterra, Conan Doyle, o famoso autor de Serlock-Holmes, era medico; escreveram versos Weir Mitchell, conhecido neurologo de Philadelphia, e Thayer, clinico e professor de medicina de grande conceito na America do Norte; Maranon, o grande clinico espanhol, tem escripto

---

(\*) Conferencia proferida na secção de Cultura Geral da Associação Paulista de Medicina — 27-II-40.

egualmente obras de ficção; em Portugal, Fialho de Almeida, Julio Diniz, Ricardo Jorge, foram ao mesmo tempo grandes vultos medicos e literarios e, em nossos dias, Julio Dantas mantém a tradição dos medicos roubados á profissão pelo culto das letras.

No Brasil os exemplos abundam. Desde Joaquim Manoel de Macedo, o celebre autor de "A Moreninha", os medicos sempre figuraram na nossa literatura. Escreveram contos, poesias, discursos ou outras obras de labor literario, Francisco de Castro, Nuno de Andrade, Fernandes Figueira, Prado Valladares, Egas Moniz, Oscar Freire, Miguel Pereira e Miguel Couto, entre os mortos; Aloysio de Castro, Austregesilo, Clementino Fraga, Fernando Magalhães e tantos outros, entre os vivos. Afranio Peixoto, professor, hygienista e medico-legista que todo o Brasil admira, é, sem favor, o nosso maior romancista vivo. Gastão Cruls, medico de valor, é tambem romancista de larga nomeada nacional.

No meio paulista, seria injustiça esquecer os nomes de Luiz Pereira Barretto, escriptor nato, semeador de idéas e polemista vibrante; de Arnaldo Veira de Carvalho, artista do bisturi e da palavra, que deixou espalhada, em collaboração pelos jornaes, uma valiosa bagagem literaria; de Alberto Seabra, homem de idéas e de combate, que fez do seu credo therapeutico o lemma de sua carreira de medico; de Olympio Portugal, cuja phrase castigada e escorreita, do melhor polimento vernaculo, traía o trato constante com os classicos da lingua; de Franco da Rocha, persuasivo e sempre pittoresco na expressão, philosophico e conceituoso no fundo e, finalmente, de Martins Fontes, o grande poeta santista, o mago da palavra, manejador magnetico das rimas e dos rythmos, e em cujo estro resplandeciam a violencia chromatica e o esplendor tropical das nossas tardes de verão.

Toda essa producção artistica, porem, se ajeitava dentro de canones já consagrados. Eram medicos que escreviam, exactamente como advogados, engenheiros, ou outros intellectuaes que amassem as letras. Fazia-se uma literatura, por assim dizer, normal. Era impossivel reconhecer nella o timbre profissional, nem havia a preocupação, de agora, de extrahir da pratica do officio os motivos e a substancia para a creação literaria. Não se conhecia a narração fantasiada de factos medicos raes, nem o romance cuja trama põe a nú os bastidores da vida profissional, nem as autobiographias mais ou menos verdadeiras. Será interessante analysar essa singular floração literaria e procurar esclarecer quaes as razões que lhe propiciaram o desenvolvimento simultaneo em toda parte.

Antes, porem, convém fazer ligeira apresentação critica de algumas dessas obras, para ver se é possivel depois, em visão global, justificar o phenomeno.

Comecemos pela mais conhecida de todas, aquella que, traduzida em todos os idiomas, deu a volta ao mundo, abrindo, de certo modo, a via às outras.

### “O LIVRO DE SAN MICHELE”

Livro desconcertante, attrahente e perturbador como um filtro de-  
leterio, em suas paginas perpassam os perfis de grandes vultos medi-  
cos, ainda hontem cheios de vitalidade, quaes Charcot, Tillaux, Po-  
tain, Bacelli, de par com fantasmas, duendes e gnomos imaginarios,  
vistos em uma athmosphera indecisa entre a ficção e a realidade e em  
episodios nos quaes a vida alterna invariavelmente com a morte.

Mysterioso e suggestivo, lembra, até pelo titulo, os livros de  
bruxaria, o “*O verdadeiro Livro de São Cypriano*”, “*O Livro de  
Alta Magia*” e outros manuaes de sciencias occultas tão do sabor  
popular.

Mas os verdadeiros caracteristicos do estylo e a seducção da arte  
de Axel Munthe residem no seu poder evocativo, nos seus dotes de  
narrador inexcedivell, na riqueza de sua imaginação, na sua maneira  
pessoal de contar as cousas e de retratar os homens e, sobretudo, na  
sua sympathia pelo humildes e pelos animaes, o que humaniza um  
pouco a crueza macabra em que tanto se parece comprazer o autor  
em não poucas de suas paginas.

Alguns criticos francezes, magoados com a severidade com que  
elle tratou Charcot, insinuam que o amor aos animaes lhe apagara  
todo sentimento de solidariedade humana. Mas não é bem assim.  
Vêde a ternura e a admiração que elle consagra a Tillaux e a Potain.  
O retrato psychologico de Potain é, na sua brevidade, na sua suavi-  
dade de tintas e de composição, uma verdadeira obra prima que não  
resisto á tentação de transcrever aqui: “um rosto triste, poucas  
palavras, dicção difficil. Mas era adorado como um Deus por todos  
os seus doentes: pobres e ricos valiam para elle o mesmo. Sabia o  
nome de todos os enfermos do seu immenso hospital, acariciava a  
face de cada um delles, novo ou velho; escutava com uma paciencia  
infinita a historia dos seus padecimentos e muitas vezes pagava do  
seu bolso algumas guloseimas para os que não tinham appetite. Exami-  
nava os doentès mais pobres no hospital, com a mesma attenção minu-  
ciosa com que observava as cabeças coroadas e os m'illionarios, que  
não lhe falltavam. Nenhum symptoma de lesão de pulmões ou do  
coração parecia escapar ao seu ouvido prodigiosamente fino. Creio  
que nunca houve quem, melhor que elle, soubesse o que se passava  
no peito d'outrem”

A diversidade de julgamento de “*O Livro de San Michele*” pro-  
vém do antagonismo das situações ahi exploradas, ora alegres, ora  
lugubres, ora reaes, ora inteiramente ficticias, o que lhe dá uma es-  
tranha e inconfundivel physionomia, de impossivel catalogação biblio-  
graphica. Não é um romance, nem uma autobiographia, nem um  
livro de memorias ou de contos, sendo tudo isso ao mesmo tempo.  
E' uma colcha de retalhos, mas que guarda no fundo uma unidade  
e um sentido univoco: o autor. Nenhum livro retrata mais o pro-  
prio autor do que este.

Estive em Capri, visitei a villa de San Michele e, embora não me tivesse sido possível avistar-me com Axel Munthe, trouxe impressões vivas de sua forte personalidade, conseguidas á custa de informações que me foram possíveis obter.

Axel Munthe é o mais original e o mais contraditorio dos homens. Ha nelle um desnorteante mixto de misanthropo e de homem que ama a vida, de mesquinhez e de liberalidade, de amor aos humildes e ás cousas do mais requintado luxo, de gosto pelo conforto e pela vida dura e accidentada. Diante delle só se pode comprehender a admiração ou a repulsa — jamais a indiferença.

Ora o seu livro revela tudo isso e no mais alto gráu. Cada pagina, varie embora o assumpto, é sempre Axel Munthe que a enche literalmente.

Porisso penso que "*O Livro de San Michele*" não deve ser julgado senão como uma obra de arte. Dentro deste estalão, cada um o poderá ter no apreço que entender: mas nunca poderá ser tido na conta de uma obra de critica ou de applauso aos medicos e á medicina.

O autor só, aqui e alli, se serviu do recheio medico, apenas para dar largas á sua fantasia e ao seu pendor pelo grotesco, pelo horrivel, da mesma maneira que Póe, por exemplo, cultivava o pavor como fonte de inspiração artistica.

Passemos á obra que pelo successo mundial que suscitou, mais de perto seguiu a carreira de "*O Livro de San Michele*".

#### "A CIDAELLA"

Aqui já estamos em face de um verdadeiro romance, bem architadado, admiravelmente urdido, e de situações que empolgam o leitor da primeira á ultima pagina.

Justamente na habilidade do autor em suster vivo, até o fim, o entrecho, está o segredo do livro, porque, não fôra isso, o romantismo de que está impregnado, a pieguice, mesmo, de algumas de suas scenas, quasi o collocaria entre os antigos romances sentimentaes.

Não foi atôa que o traductor, na edição brasileira, no prefacio em que o apresentou ao nosso publico, lembrou-se do "*Moço Loiro*" de Macedo.

E' ainda um romance, á velha moda, com heroe e heroína á vista. A scena em que apparece Christina é typica. Logo ás primeiras linhas, antes mesmo que ella fale, o diagnostico está feito: é a heroína e o leitor fareja immediatamente o casamento final.

Mas isso representa apenas os processos utilizados na composição do enredo, e o que mais nos deve interessar são principalmente os pontos de vista expostos. A ideia central do livro, o que o autor procurou pôr em fóco atraves de toda a fabulação engenhada, é a critica ao exercicio da medicina e, sobretudo, á rotina dos serviços publicos, na Inglaterra. O ferrenho conservantismo do paiz, o anachronismo

de seus methodos administrativos, a sua excessiva hierarchização profissional, o pezo asphyxiante da sua machina burocratica — tudo isso é acremente ferreteado no correr do romance. Não discuto se existe ou não verdade no julgamento do autor; mas que o objectivo fundamental do livro é este parece-me indubitavel. O resto serve apenas de enchimento para a esplanção da these fundamental.

O livro está repleto de lances que corroboram a affirmativa.

Aos primeiros contactos do protagonista, medico recém-formado, com o doente, começa o autor a frisar o conflicto entre a pratica e as noções theoricas que recebera dos seus professores na Faculdade. Teriam os medicamentos a acção que lhe ensinaram? “Bobagem! Sim, bobagem absoluta, sabia disso agora”. Teria o Prof. Elliot experimentado alguma vez o unguento de eleni, que preconisava para casos com os quaes elle, Manson, se achava agora em aperturas? “Estava convencido de que não. Todas as informações eruditas foram passando de um livro para outro, sempre assim, provavelmente desde a Idade Media. A palavra “herpes”, tão archaica e fóra de uso, confirmava este ponto de vista”.

Os episodios da explosão dos exgottos para acabar com a epidemia de febre typhoide; a decepção que o joven medico teve quando viu que para internar um doente seu, que lhe interessava muito scientificamente, só o poderia fazer passando-o ás mãos de outro medico mais graduado; as insuperaveis difficuldades que encontrou para estudar a silicose dos mineiros, na tentativa de introduzir alguma cousa de novo no marasmo da organização medica operaria; a inacção absoluta que lhe foi imposta quando foi contemplado, já em Londres, com um lugar na vasta engrenagem administrativa do trabalho metalurgico, não fazem senão reafirmar, a cada pagina, a intenção do autor em resaltar o antagonismo entre as imposições da vida de hoje e o atrazo dos methodos inglezes.

Se “*O Livro de San Michele*” é uma obra de arte, “*A Ciudadella*” é sobretudo um romance de these.

Onde, porem, esse contraste mais se evidencia é no paralelo entre a acção dos medicos inglezes e a dos americanos, no caso da cura da pequena Mary. De um lado, tisiologos de grande nomeada, cheios de empafia e de melindres de ethica, mas incapazes, profissionalmente; de outro, o americano Stillman, simples, decisivo, que applica o aparelho que salva a doente. Para realçar mais a fundamental differença de mentalidades, o autor escolhe um medico americano, quem nem formado era, para vencer os super-graduados esculapios seus compatriotas.

O fim de autor não é, pois, como muitos acreditam, desmoralizar os medicos e a medicina mesma. Ha typos de medicos de alta dignidade e a propria rehabilitação final do heroe, quasi tragado pela voragem do charlatanismo triumphante, é a prova de que se o autor mostrou a face impura da profissão foi para profligal-a, dando, ao cabo, a palma á virtude.

Ao lado disso, ha provavelmente algumas caricaturas de grandes figuras medicas inglezas, que passam despercebidas ao nosso meio. Uma, pelo menos, penso que pude identificar: a do celebre cirurgião Lane. Vejamos o typo real e o que se entrevê rapidamente no livro, para o respectivo confronto.

Lane, o descobridor da *prega de Lane*, cotovello ou dobra sita á altura do ileo, foi um obsecado de genio e um louco. Para elle, todos os males da humanidade provêem da estase intestinal, isto é, da constipação de ventre chronica, e constipado, no seu entender, é todo individuo que não defeca 3 vezes por dia, no minimo, e abundantemente. “Julga a gravidez um dos melhores remedios para a prisão de ventre, a tal ponto — escreve Carlos Werneck (1), que não hesita em aconselhal-a mesmo ás donzellas, embora saiba que preconceitos obsoletos ainda na epoca actual prohibem esse recurso ás moças solteiras”. A causa primordial da prisão de ventre é a vida social do homem — cito ainda de Carlos Werneck — que o impede de defecar a todo instante como fazem os animaes; seus habitos de defecar sentado, suas vestes, sua alimentação e até mesmo a posição erecta que assumiu na evolução philogenetica. O verdadeiro remedio para a prisão de ventre é a colectomia total, com anastomose do ileo ao recto.

Este o original; agora a copia. O nome todo de Lane é *Sir Arbuthnot Lane*; o do pesonagem do romance é *Sir Rumbold Blane*. De Arbuthnot para Rumbold, a differença é pequena; de Lane para Blane vae apenas a consoante inicial ajuntada. Vejamos o passo em que Cronin o descreve no romance: “foi *Sir Rumbold* que, havia cousa de um quarto de século, assombrara a humanidade com a declaração de que uma certa parte do intestino era não só inutil, mas tambem positivamente prejudicial. Centenas de pessoas correram logo a cortar a parte perigosa. E embora *Sir Rumbold* não estivesse nesse numero, a fama da operação, que os cirurgiões denominaram de incisão de Rumbold-Blane, firmou para sempre o seu renome de autoridade em assumptos de dieta. Desde então, estava sempre no cartaz, obtendo pleno successo em recommendar ao paiz varios alimento exóticos e fermentos laticos”.

A alusão parece evidente.

\* \* \*

Vistos os dois livros que deram renome ao genero, entremos a analysar, mais succintamente, as memorias e as narrações autobiographicas.

---

(1) - Carlos Werneck - Dobra ideal de Lane (Lane's kink). *Jornal dos Clinicos*, nº- 23, 15 de dezembro - 1924.

## AUTOBIOGRAPHIAS

A autobiographia é uma forma literaria que define o temperamento do autor. É, em geral, a literatura dos victoriosos e dos individuos contentes consigo proprios. Quem fala de si, na maioria das vezes, conta façanhas e ostenta jactancias.

Não fazem grande excepção ás normas os tres livros aos quaes pretendo me referir agora: "*Memorias de um Cirurgião*", de Majocchi, "*A Odysséa dum medico americano*", de Heiser, e "*Doutor, aqui está o seu chapéo*", de Jerger.

No capitulo — *As Rosas*, das "*Memorias de um Cirurgião*", por exemplo, em que o autor relata os casos brilhantes que pôde observar em sua carreira, todos os doentes foram operados por elle e já no immediato, *Os Espinhos*, reservado aos casos infelizes, todos, ou quasi todos, por curiosa coincidencia, pertenciam a outros medicos...

Sentem-se em todo o livro a curva ascendente de uma trajetoria venturosa e a vocação de um espirito votado visceralmente á medicina. Escripto muito agradavelmente, prende o leitor. Ha nas suas paginas um optimismo constructivo, uma sadia comprehensão da vida profissional e a tranquillã convicção dos que conseguiram vencer sem derrotas e sem macula.

Dos dois americanos, o de Heiser constitue um verdadeiro compendio pratico de hygiene, exposto da maneira mais interessante e pessoal possivel. O autor, grande sanitarista, percorreu, a serviço da "Fundação Rockefeller, 45 paizes, espalhando por todo o mundo os methodos e os processo americanos na luta contra as doenças. Cheio de incidentes incriveis, de situações imprevistas e do humor peculiar á raça, são paginas que se lêem com grande proveito e aprazimento.

Pena é que a sympathia e o sentimento de justiça de que elle dá mostra relativamente a todos os povos que visitou se quebrem tão evidentemente em tudo quanto diga respeito á França e aos francezes. Não ha uma só passagem, em todo o livro, em que se faça referencia á França, que não seja para deminuil-a. Cada um tem o direito de alimentar preferencias ou aversão, por este ou aquelle paiz; mas não ha licença para negar factos definitivamente assentados. Num livro de um homem de sciencia, como o de Heiser, não fica bem, por exemplo, a seguinte asserção: "em 1884 Roberto Koch, considerado o fundador da bacteriologia e que já tinha isolado os bacillos do antraz e da tuberculose, descobriu o vibrião da colera" Como, *fundador da bacteriologia*, se elle veio muito depois de Pasteur? Se ainda tivesse escripto: *fundador da moderna bacteriologia*, passaria; mas sem nenhuma restricção como está, a phrase não corresponde á verdade historica.

O outro livro, o "*Doutor, aqui está seu chapéo*", de Jerger, faz a apologia do medico de familia, tendente a desaparecer em todo o mundo. Pela profusão de casos estranhos que reune, poderia ter

igualmente o titulo de "*Coisas espantosas*", que Camillo Castello Branco deu a um dos seus romances.

Pouças vezes se terão visto, realmente, condensados em um unico volume, tantos factos extraordinarios e tanta cura miraculosa. O episodio do menino, cuja perna, com encurtamento, por fractura antiga, foi augmentada artificialmente de duas pollegadas, mediante o enxerto de ossos de carneiro, emquanto a junta ficou em posição correcta, fixada por laminas de prata, com as iniciaes do autor, aparafuzadas nos segmentos — basta para dar idéa da sua imaginação e dos seus recursos de medico que faz tudo, e bem.

E não ficou só no exito operatorio a curiosidade da occorrença: vinte e cinco annos depois, um dia Jerger tem um chamado de urgencia. Um homem fôra atropelado por um caminhão guiado por um individuo embriagado e tivera a perna direita esfacelada. Opera-se de urgencia e no meio do femur esmigalhado — que encontra elle? que haveria de ser? — duas pollegadas de osso protegidas por uma placa metallica com as suas iniciaes!

E' fantastico, mas é absolutamente real. O *Times Magazine* e "*Associated Press*"; em virtude de uma demanda surgida entre o cirurgião e a victima do desastre, o noticiaram largamente, informa o autor, "não só pelo seu entrecho raro, como pela sua singular conclusão"

Os dois livros americanos, não obstante a diversidade de feição — o de Heiser, de um hygienista, o de Jerger de um medico, na accepção integral da palavra, isto é de um clinico á maneira antiga, que attendia a tudo com igual dedicação e proficiencia — apresentam muitos pontos de contacto, que lhes dão certo "ar de familia". Assim o dynamismo, a acção prompta, a capacidade inventiva, a preferencia pelos methodos mechanicos, simples e rapidos, a narrativa muitas vezes dialogada, entremeiada de dítos picarescos e humoristicos, a originalidade na exposição — observam-se em ambos os autores, como marca das tendencias e do espirito americanos.

\* \* \*

O unico livro frances inserto no ról, o de Albert Gervais, narra as aventuras e as peripecias succedidas a um medico que foi obrigado a pôr em pratica a arte clinica e os methodos de ensino europeos no Celeste Imperio.

#### "ESCULAPIO NA CHINA"

A alma chinesa é impenetravel á comprehensão e aos sentimentos dos povos occidentaes. Feita de violentos antagonismos, de subtilezas espirituaes e de rasteiro materialismo, de mansidão e de inauditas crueldades, de uma cultura multiseccular e de uma ignorancia crassa, ao mesmo tempo — permanece indecifravel ás reacções emotivas e mentaes das outras raças.



Dedicando um verdadeiro culto aos mortos, os chinzees têm, no entanto, profundo desprezo pela doença e pelos doentes; amando as tradições aristocraticas, os cerimoniaes complicados, a cortezia requintada, são, na realidade, profundamente interesseiros e de uma mentalidade prosaica e vulgar; lentos e desperdiçados no trabalho, mostram-se, todavia, essencialmente praticos e objectivos na solução dos problemas que os affectam particularmente.

Albert Gervais realça com espirito e observação esse dualismo psychologico, no que toca ás cousas medicas, em terras da China.

“Para os chinezes — escreve Gervais — são necessarias razões precisas, que toquem a um interesse immediato, visivel e pessoal, porque elles ainda não resolveram, como nós, o problema de saber onde assenta o verdadeiro dever, tanto em relação aos outros, como em relação a si mesmos”.

Isso dá-lhes uma concepção inteiramente simplista e commercial do exercicio da medicina. É interessante que um povo que acredita que o acometimento morbido seja produzido por espiritos máos e que tem uma noção religiosa e supersticiosa da doença, possa ligar, por outro lado, a idéa da cura a intervenções materiaes grosseirissimas.

Gervais foi chamado certa vez, por exemplo, para ver uma paciente, cuja bexiga, excessivamente distendida, devido a retenção urinaria extrema, lhe causava intensa dôr e desassoccego. Esvasiava no momento, por uma sonda urethral, com immediato alivio da doente. Não tardou que lhe apparecessem mais dois casos — um de fibroma uterino e outro de ascite cirrhotica — que queriam, á viva força, ser tratados pelo systema que tão bons resultados dera no primeiro..

Outra vez, um tuberculoso cavitario consumptivo consultou-o, na intenção de obter remedio que o curasse promptamente: “esse remedio, para o seu mal, não existe” — respondeu-lhe o medico. “Mas curastes *Yu-lin-tso* em 15 dias, retrucou o doente”, e como pensasse que a recusa do tratamento encobria, no fundo, uma questão de dinheiro, foi subindo as propostas de pagamento, de 50 até 200 dollares...

A obstinação do medico em não consentir no negocio, provocou ao interprete chinês as seguintes reflexões: “o doente é rico; seu pae fez fortuna vendendo caixões de defunto e se esforça em enganar os compradores, tentando fazer passar taboas de pinho vulgares por faia. Ao cliente é que cabe não se deixar roubar. A confiança se negocia, como o resto, e é uma bella cousa, desde que se saiba aproveitá-la. Se uma promessa representa aos olhos do doente valor de duzentas piastras, nós não temos o direito de recusar a avaliação livremente feita”

Psychologicamente, elle tinha razão: o peor medico é o que tira ao doente toda a esperanza de cura.

O factio, porém, mais curioso referido no livro é a descripção de uma aula pratica de dissecção anatomica.

Na China, como já assignalei, o morto é tudo, o vivo nada. Albert Gervais, a instancias de alguns alumnos já influenciados pelas

ideias estrangeiras, resolveu abrir um curso de anatomia, no qual os eschemas e as illustrações muraes fossem substituidos pela disseccção no cadaver, tentativa ousadissima para o meio. No primeiro dia de lição, já lá estava o cadaver, convenientemente atado, á espera do professor, o qual, ao approximar-se da meza de necropsia, recuou espavorido: um individuo joven, de physionomia tumida e esverdeada embebida em um suor pegajoso, o esparava, vivo, para o supplicio...

Diante de horror tal, retira-se o medico, indignado, do recinto. Mas os chinezes, que não podem comprehender em absoluto a relutancia em se dissecar um vivo e que, pelo contrario, a acham perfeitamente justificavell em relação a um morto, cedem, em homenagem ao estrangeiro. Ouve-se um tiro de revolver e de um pequeno orificio oval da nuca da victima o sangue escorre abundante, emquanto o vivo já se transformara na peça requerida para o proseguimento da lição.

\* \* \*

O typo do medico de roça offereceu sempre margem para descrições literarias, mais ou menos pittorescas e reaes.

Quem não se lembra de João Semana, de "As Pupillas do Snr. Reitor" de Julio Diniz, personificação viva da especie, levando, num rude mourejar, de casa em casa, pelas aldeias de Portugal, os recursos de sua sciencia modesta e os beneficios de sua grande bondade e que da carreira só conseguiu guardar as benções de poucos clientes agradecidos e a alegria intima do dever cumprido?

O cinema, não faz muito tempo, a propósito das irmãs Dyone, salvas graças á dedicacção e competencia de um medico de um longinquo rincão do Canadá, o Dr. Alan Roy Dafoe, glorificou a classe, em uma producção que correu mundo.

Justamente o estudo desse obscuro typo de profissional é que o intellectual espanhol Felipe Trigo enfrenta no volume cujo exame detérá a nossa atencção por alguns instantes.

### "O MEDICO RURAL"

Felipe Trigo foi medico, professor de medicina e escriptor de folego. Seus livros, alguns de pura ficção, outros de cunho philosophico e social, tiveram sempre na Espanha o melhor acolhimento. Em "*El médico rural*", porém, apesar de tratar-se de uma novela, fala sobretudo o medico.

O heroe do livro, como o de "*A Ciudadella*", percorre a carreira, das pequenas povoações aldeans para os centros mais populosos e do escrupulo profissional maximo para o charlatanismo desabalado das grandes cidades, galgando tambem a escala do exito e da notoriedade á custa de cabotinismos e de processos menos dignos. E outros pontos de contacto existem entre os protagonistas: ambos, nos primeiros annos de vida pratica, soffrem as mesmas desillusões, ao

verificar a inanidade das noções aprendidas nos livros, em face dos terríveis problemas que a clinica impõe aos principiantes; e se Manson, o heróe de Cronin, teve de ouvir de inicio as palavras sybilinas, mas sinceras, de Denny, Estevam, o personagem central da narração de Trigo, foi logo experimentado pela sciencia burlesca do barbeiro da terra, até então com funcções de clinico local.

Vale a pena recordar a passagem.

Apenas chegado á aldeia, o medico novato é solicitado com urgencia para acudir a um pobre velho com colicas e symptomas intestinaes agudos. Como resolver a questão? Na Faculdade aprendera tudo menos medicar colicas por embaraço gastrico. Conhecia a colite, a peritonite, mas a respeito de colica, nada. Vacilla no receitar, tendo já incidido as suas preferencias sobre o laudano, quando uma comadre lhe dá a senha salvadora: não seria bom um vomitivo? Evidentemente, era o que se impunha, e a ipecacuanha em pó surge na prescripção medicamentosa. E' ahi que a figura do boticario entra em scena.

“Diga-me, senhor doutor: trata-se de um remedio energico, dos que Hyppocrates chamava heroicos. Reparou o doutor, ao receital-o, se o doente padece de alguma hernia, o que contra-indicaria o seu emprego? Terá pensado se a colica do enfermo é simples ou obstructiva, talvez mesmo a *colica miserere*? Terá empregado o medicamento em dose emetica forte, em dose fraca, em dose alterante, ou expectorante, laxante ou quem sabe antidysenterica?”

Já era perguntar demais. Ao que o medico reagiu: “Não te incomodes tanto, amigo... não ha nem hernia, nem obstrucção. Sei perfeitamente o que faço”.

E' o drama dos recém-formados, que se repete todos os dias e que assignala, na evolução profissional, o momento preciso da transição da theoria para a pratica, da aprendizagem para o exercicio effectivo do officio.

\* \* \*

Disse, inicialmente, que as publicações medico-literarias estão constituindo uma crise pandemica mundial. O Brasil não escapou a essa contaminação. Aqui tambem encontrou éco a suggestão collectiva.

### DOIS LIVROS NACIONAES

Passemos uma vista d'olhos aos dois livros nacionaes representativos do genero: “*O medico nas grandezas e miserias humanas*”, de Sebastião Barroso e “*Memorias de cinco*”, de Cecilio Carneiro.

O primeiro retrata, de accordo com o titulo, os triumphos e as vicissitudes da vida medica, através de narrações vividas, de scenas em que o autor tomou parte como protagonista ou como simples espectador. Clinico de roça no começo da carreira, higienista de primeira plana ao tempo de Oswaldo Cruz, e depois publicista medico

de valor, o Dr. Sebastião Barroso foi accumulando na memoria preciosas observações, que explana no seu volume. A maneira de Jerger, foi medico policlinico e a collecção de casos que viu é extensa e variada. A vida de medico do interior, com suas intrigas de porta de pharmacia, as desconfianças e os perigos que o cercam no exercicio da profissão, a concorrência desleal na caça ao cliente, as tentações da politica partidaria, de tudo isso ha amostras em transees que, respeitandoo a verdade dos factos, se o autor lhes quizesse dar maior colorido descriptivo, poderiam constituir verdadeiros contos literarios.

Citemos apenas um passo do livro, para corroborar a affirmativa.

Um medico moço chega a certa localidade do interior e installa-se no hotel, á espera de clientes e de oportunidade de revelar as suas habilidades. Os dias passam vãos e longos, na modorra vegetativa dos lugarejos, quando se abre inesperadamente magnifica occasião para isso. Uma joven, filha de pessoa rica e graduada, cliente de outro medico, ausente no momento, necessita com urgencia de socorros medicos. Chamado o novo doutor, encontra a doente, presa de intensa dyspnea, recostada em altas almofadas. Examina-a cuidadosamente e verifica que se trata de enorme derrame pleural direito, comprimindo o coração, e não de affecção primitivamente cardiaca, segundo pensava o collega responsavel pelo tratamento. Indica, então, como medida premente, o prompto esvaziamento da cavidade em questão. De volta, e informado de tudo, o medico assistente repelle a idéa, reafirmando o seu diagnostico de lesão cardiaca descompensada e dias depois morre a moça. Á vista do desfecho, o joven esculapio voltou á carga, propondo que se fizesse no cadaver pequena punção, sob as vestes mesmo, com o unico fim de esclarecer as obscuridades que envolveram o caso. Aceito o alvitre, o resultado foi a punção positiva: encheu-se o aspirador de um liquido amarellado, que fluia facilmente da pleura. Era a confirmação diagnostica; era a victoria, pensou o medico moço, ao retirar-se para a casa triumphante. Pura illusão!

No dia seguinte, ao abrir o jornal da terra, "O Batalhador" leiu, desconcertado, os seguintes titulos em letras gordas: "*Mascateação da Medicina — Aventureiros á cata de victimas — Ignorancia e ousadia*", abrindo um artigo em que se dizia simplesmente isto: "procurando embahir a boa fé de quem não entende de medicina, não trepidou em profanar o cadaver de uma donzella e cravar-lhe um immenso trocater para dahi extrahir algum liquido. Elle bem deve saber que todo organismo vivo é constituido por 80% de agua e apenas 20% de elementos solidos. Todo cadaver punccionado em qualquer parte do corpo, mais nuns pontos que em outros, dará, por força, qualquer quantidade de liquido"

Dahi a dias levantava o vôo o forasteiro, para mais convidativos pousos...

"*As memorias de cinco*" contam tambem as difficuldades e decepções dos primordios da vida clinica, mas já na epoca actual. A lucta é a mesma, apenas deslocada para o plano de hoje.

O autor é ainda muito moço, porisso não ha reminiscencias no romance, senão as da vida academica. O estylo é fluente e, embora descreva melhor o que viu do que o que imaginou, parece preferir a ficção á realidade. Os seus estudantes são romanticos. Idealistas ou falsamente materialistas são sempre, no fundo, incorrigiveis sentimentaes, que fazem lembrar os heroes das "*Noites na Taverna*" de Alvares Azevedo.

A pagina de maior attracção do livro é a referente á morte do professor Guilherme Bastos Milward, da nossa Faculdade de Medicina.

Milward foi um typo á parte no nosso meio medico. O mysterio que cercava a sua vida intima, o seu desalinho, o seu profundo desprezo pelas convenções sociaes, a fama de sua cultura, aguçaram sempre a curiosidade estudantil, formando-se á volta do seu nome, a pouco e pouco, uma aureola de lendas e de anedoctas, transmittidas de geração a geração, entre os academicos de medicina.

O autor aproveita-se disso, com felicidade, para apresental-o ao grande publico, no seguinte topico.

Eugenio, um dos cinco do livro, vae ao quarto de Milward, a convite deste, que a certa altura pede ao estudante que o submetta a um exame medico. Titubeia o rapaz em cumprir a extranha ordem; mas Milward intima-o:

"Ande cá, venha apalpar o meu figado.

E ficou deitado serenamente, o ventre descoberto, os olhos fixos no tétó, em expectativa; enquanto isso, Eugenio timidamente se approximava com passos lentos e indecisos, sem saber como se incumbir da honrosa tarefa de examinar um homem daquella envergadura. Junto do canapé, debruçou-se, apalpou o ventre. Nem bem tinha começado a fazer isso, e suas mãos se puzeram a tremer, ao mesmo tempo que o seu rosto empallidecia bruscamente: sentia sob os dedos um figado enorme e duro, tres vezes augmentado de tamanho, todo coberto de nodulos. Compreendeu tudo.

Por alguns instantes ficou abatido e sem se mexer, não sabendo como esconder o espanto e a dôr, diante da possivel verdade. Depois, vagarosamente, a medo, ergueu os olhos para Milward, com o fito de ler-lhe a expressão... Elle saberia? Mas deparou com outros olhos ironicos, que já estavam fixos nelle havia muito tempo... Sim, Milward já o estava olhando, quasi penalizado com o espanto do rapaz, a sorrir! Diante do rosto desfigurado do rapaz, prolongou o sorriso, transformando-o numa risada abafada e dolorosa. E disse, com desconcertante serenidade:

— É o cancer. É o fim.

Um mez depois de proferidas estas palavras implacaveis, o mestre succumbia no Rio de Janeiro".

\* \* \*

Agora, que já fizemos a ronda em torno de algumas das produções incluídas no actual movimento bibliographico de que estamos

tratando, reaparece a interrogativa inicial: quaes as causas determinantes desse florescimento literario e onde se assenta a preferencia do publico por esses livros?

Saliento, antes de mais, que, como já tive occasião de externar, não se deve considerar, consoante a opinião commum, esta corrente de idéas de ataque ou de louvor á medicina. São livros que fazem da medicina e do exercicio da profissão themes centraes de romances e nada mais.

Em "*Cesar Birotteau*" descreveu Balzac, em tom grandiloquo, a opulencia, a queda e a reabilitação de um commerciante, da mesma maneira que poderia contar a vida de um fraudulento, sem que porisso estivesse exhaltando ou denegrindo a classe. Em "*Germinal*", evoca Zola as condições de existencia dos mineiros, em lances em que ha boas e más accões, sem pretender outro fim senão a procura da verdade. Aluisio Azevedo, no "*Cortiço*", faz viver toda uma população á volta de uma pedreira, em episodios em que a vida tumultúa, como espelho fiel da realidade.

São estudos de ambiente, em que perpassam homens, com todas as suas qualidades e defeitos humanos.

O charlatanismo, a ignorancia, a má fé que apparecem nestes romances medicos, existem e existirão sempre em todas as profissões e em toda parte. Mas só os deshonestos, os relapsos e os criminosos são envolvidos na trama desses estudos medico-sociaes, o que faz resaltar o valor dos profissionaes conscienciosos e competentes. Falar mal dos medicos sem escrupulos não é falar da medicina, como o ataque aos máo padres não attinge a religião.

Tentemos, em seguida, apontar alguns dos motivos que possam ter contribuido para o phenomeno. Em primeiro lugar, temos de levar em consideração que tudo hoje no mundo assume feição generalizada. Devido ás enormes facilidades de locomoção e de communição do pensamento, a uniformização e a universalização das cousas, modas, costumes, tendencias de espirito, constitue um estygma da nossa epoca. Não são somente os automoveis que se fazem em serie; a repetição e a estandartização se estendem a tudo, e se o mundo, como dizia Eça de Queiroz, perderá todo o encanto e originalidade no dia em que o viajante que, em busca de novidade, descer em Tombuctu, encontrar todos os pretos de cartola e lendo "*Le Journal des Debats*", não estamos muito distantes destes tempos calamitosos.

Assim houve a mania das biographias romanceadas; dos romances de accção multipla e entrecruzada; agora começa a do romance interminavel, *le roman fleuve*, dos francezes. No Brasil, o romance do Nordeste foi uma verdadeira epidemia, da qual só agora começamos a convalescer.

Depreciar Pedro II e enaltecer D. João VI é outra característica dos tempos actuaes.

No theatro, verifica-se o mesmo fato. Basta que uma peça faça successo, para que appareçam outras concebidas dentro de

orientação identica. O cinema, então, já nos habituou a suas series de producções do mesmo teor — historicas, musicadas, biographicas, etc. — para que seja necessario insistir. Agora estão em moda os assumptos de chuva e de vento, que passarão, como já passaram as de *cow-boys*, as de *gangsters*, etc. Aliás, o cinema, pela sua acção divulgadora e suggestiva sobre as turbas, tem sido um dos factores que mais influíram para esta universalização de todas as formas de actividade artistica.

Tudo quanto tem exito provoca, hoje, a repetição, a copia, a paraphrase.

O caso dos romances medicos é, pois, perfeitamente comprehensivel. Veio o primeiro :agradou; surgiram outros e surgirão mais, até que o desinteresse dos leitores marque o fim da serie. Daqui a algum tempo ninguem se lembrará delles. Talvez, porem, a moda tenha excedido um pouco á bitola commum, pela natureza dos problemas que os temas medicos permitem focalizar. Pelas condições imperiosas em que é chamado a praticar a sua arte, pelo respeito e consideração que o cercam no seu ambiente de acção, dominando em absoluto nas situações mais melindrosas, naquelas em que o risco de vida põe a sua pessoa e a sua actuação profissional acima de tudo, o medico apparece no scenario social como uma figura cheia de seducção e de mysterio, capaz de crear em volta de si uma atmospheria de admiração e de curiosidade malsã, a malicia de se querer saber de casos intimos e escabrosos, porque ha cousas que só se dizem ao medico e ao confessor.

Demais, a medicina, como arte de curar, conta com a larga e egoistica solidariedade humana que a todos nivela diante da doença e da morte: todos acompanham a sua evolução, os seus progressos e os seus novos methodos de cura, pensando na morte e nos males proprios.

Veja-se, por exemplo, o interesse que despertam os artigos medicos publicados nas grandes folhas diarias e as esperanças com que são acolhidas pelo publico leigo as noticias da cura do cancer, da tuberculose e de outras doenças chronicas de character social predominante.

É que, conforme já escrevi algures — “miseros mortaes que somos, eternamente acorrentados á pequenez de nossa contingencia humana, incapazes de grandes abstracções fóra do circulo estreito em que que nos debatemos — não conhecemos nada que possa absorver mais o homem do que o proprio homem”

E assim será sempre pelo tempo fóra.